



SEÇÃO: ARTIGO

## Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação para Heterossexuais (ANAH): construção e evidências de validade

*Negative Attitudes Toward Effeminacy for Heterosexuals Scale (NATEH): construction and evidence of validity*

*Escala de Actitudes Negativas sobre Afeminación para Heterossexuales (ANAH): construcción y evidencias de validez*

**Mozer de Miranda**

**Ramos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5164-1543](https://orcid.org/0000-0001-5164-1543)  
[mozeramos@yahoo.com.br](mailto:mozeramos@yahoo.com.br)

**Elder Cerqueira-Santos<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1116-6391](https://orcid.org/0000-0003-1116-6391)  
[eldercerqueira@gmail.com](mailto:eldercerqueira@gmail.com)

**Recebido em:** 18 abr. 2020.

**Aprovado em:** 22 abr. 2021.

**Publicado em:** 25 nov. 2022.

**Resumo:** O presente estudo objetivou desenvolver, a partir da Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA), uma escala para mensurar atitudes negativas sobre afeminação destinada a homens heterossexuais e produzir evidências de validade. A escala foi batizada de Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação para Heterossexuais (ANAH). Foram realizados criteriosos processos de adaptação para o público-alvo e realizado um levantamento com 414 homens heterossexuais, maiores de 18 anos com média de idade 26,06 anos ( $DP = 7,36$ ). A partir de uma Análise Fatorial Exploratória e uma Confirmatória, constatou-se que os itens possuíam cargas fatoriais adequadas, que o fator retido apresentava consistência interna ( $\alpha = 0,939$ ) e que os índices de ajuste produzidos eram satisfatórios. Os resultados sugerem que a ANAH é adequada para utilização no Brasil.

**Palavras-chave:** afeminação, heterossexualidade, adaptação, psicometria, masculinidade

**Abstract:** The present study aimed to develop, based on the Negative Attitudes Toward Effeminacy Scale (NATE), a scale to measure negative attitudes about effeminacy aimed at heterosexual men and produce evidence of validity. The scale was called the Negative Attitudes Toward Effeminacy for Heterosexuals Scale (ANAH). A judicious adaptation process were performed for the target audience and conducted a survey of 414 heterosexual male, older than 18 years with a mean age 26.06 years ( $SD = 7.36$ ). From an Exploratory and Confirmatory Factor Analysis, it was found that the items had adequate factor loads, that the retained factor had internal consistency ( $\alpha = 0.939$ ) and that the adjustment indexes produced were satisfactory. The results suggest that ANAH is suitable for use in Brazil.

**Keywords:** effeminacy, heterosexuality, adaptation, psychometrics, masculinity

**Resumen:** El presente estudio se objetivó desarrollar, a partir de la Escala de Actitudes Negativas sobre Afeminación (ANA), una escala para medir actitudes negativas sobre afeminación destinada a hombres heterossexuales y producir evidencias de validez. La escala ha sido bautizada de Escala de Actitudes Negativas sobre Afeminación para Heterossexuales (ANAH). Se realizaron procesos precisos de adaptación para el público objetivo y se realizaron una recopilación con 414 hombres heterossexuales, mayores de 18 años con promedio de edad 26,06 años ( $SD = 7,36$ ). A partir de un Análisis Factorial Exploratorio y Confirmatorio, se constató que los ítems tenían cargas factoriales adecuadas, que el factor retenido presentaba consistencia interna ( $\alpha = 0,939$ ) y que las tasas de ajuste producidas eran satisfactorias. Los resultados indican que la ANAH es adecuada para utilización en Brasil.

**Palabras clave:** afeminación, heterossexualidad, adaptación, psicometría, masculinidad



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Homens másculos são valorizados na sociedade ocidental como símbolo máximo de beleza, força e sucesso há pelo menos quatro

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, SE, Brasil.

décadas, mesmo na comunidade homossexual (Lopes, 2011; Lopes, 2017; Parizi, 2006; Pollak, 1984). Esse fenômeno está sedimentado em uma construção de masculinidade pretensiosamente hegemônica e de exaltação da masculinidade, através de comportamentos e aparências este-reotipicamente másculos, moldando expressões de gênero hipermasculinas como padrão ideal (Bento, 2015; Kimmel, 1998; Ramos & Cerqueira-Santos, 2020).

Esse padrão de masculinidade sustenta-se em um modelo de oposição, ou mesmo de desprezo, ao feminino (Bento, 2015; Sánchez & Vilain, 2012). Ou seja, essa masculinidade é fundada em alicerce misógino, que possui íntimas ligações com outros fenômenos culturais como o machismo e o patriarcado. A antiafeminação é quando esse desprezo, manifestado por repulsa ou rebaixamento, ocorre direcionada à presença de uma suposta feminilidade em homens (Ramos & Cerqueira-Santos, 2019). Chama-se de afeminado o homem que expressa o feminino através de seus comportamentos ou de sua aparência. A antiafeminação, é a antítese para essa "contaminação" do homem macho (hipermasculino) com o feminino.

No Brasil, culturalmente, ainda há pouca distinção entre orientação sexual e expressão de gênero (Costa et al., 2013; Fry, 1982; Parker, 2002). O homem afeminado é lido socialmente como homossexual, a afeminação é o primeiro (e, muitas vezes, o principal) indicador de homossexualidade. Há vários efeitos provenientes disso: discriminação de homens afeminados em diferentes contextos (Braga, 2015); suposição da homossexualidade e imposição da abertura da orientação sexual (expulsar do "armário") (Cornejo, 2015; Ferreira & Ferreira, 2015); patrulha das expressões de gênero como forma de manutenção da norma masculina (Junqueira, 2015; Takara, 2017), e; endosso da antiafeminação pela homofobia (que também é um dos seus constituintes). Esses desdobramentos estão intimamente conectados com a constituição das masculinidades, o que coloca a antiafeminação como central nesse debate.

Homens heterossexuais estão indissociavelmente envolvidos nessa discussão, uma vez que os efeitos da homofobia e da antiafeminação não são direcionados apenas a homens gays e bissexuais. Além disso, a referida patrulha de expressões de gênero pode funcionar como um catalizador para ações afeminofóbicas e homofóbicas como forma de provar masculinidade e heterossexualidade. Nesse modelo de masculinidade, ela está sempre sendo testada e necessitando ser provada (Bento, 2015). Homens heterossexuais podem ser alvos da afeminofobia, bem como, podem ser reprodutores dessas atitudes, com direção aos seus pares ou aos homens não heterossexuais.

A *Negative Attitudes Toward Effeminacy Scale* (NATE) foi desenvolvida nos EUA (Taywaditep, 2001) para mensurar atitudes negativas de homens *gays* diante da afeminação. É uma escala de concordância, tipo Likert de sete pontos e com 19 itens ( $\alpha = 0,94$ ). Desde então, vem sendo utilizada por diversos estudos e tem contribuído para o avanço das pesquisas no campo da sexualidade, possibilitando que a afeminação e antiafeminação figurem como variáveis para investigar constructos como homofobia, abertura e masculinidade (e.g. Brooks et al., 2017; Miller & Behm-Morawitz, 2016; Murgo et al., 2017; Pachankis et al., 2018; Sánchez & Vilain, 2012). No Brasil, este instrumento foi adaptado com uma amostra de homens *gays* e bissexuais e chamado de Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA; Ramos & Cerqueira-Santos, 2019), contando com 12 itens e dois fatores: rejeição pública ( $\alpha = 0,918$ ) e rejeição íntima ( $\alpha = 0,866$ ).

Esses instrumentos não são direcionados para o grupo de homens heterossexuais, o que dificulta a realização de pesquisas que consideram a afeminação e a antiafeminação como variáveis importantes para a compreensão de fenômenos como masculinidade, sexismo e homofobia. Com a baixa distinção entre expressão de gênero e orientação sexual no país (Costa et al., 2013), a antiafeminação torna-se um elemento fundamental para a compreensão do preconceito contra homens homossexuais e do machismo, por estar

na intersecção dessa relação. A possibilidade de haver instrumentos comparáveis e capazes de mensurar a antiafeminação em homens de diferentes orientações sexuais possibilita que o fenômeno possa ser mais bem compreendido em estudos futuros. Por isso, o objetivo desse estudo foi desenvolver, a partir da ANA, uma escala para mensurar atitudes negativas sobre afeminação destinada a homens heterossexuais e produzir evidências de validade. O instrumento foi batizado de Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação para Heterossexuais (ANAH).

## Método

Foram realizadas etapas criteriosas para que o instrumento ANA (Ramos & Cerqueira-Santos, 2019), direcionado para homens não heterossexuais, fosse adaptado para homens heterossexuais brasileiros: proposição de itens modificados, avaliação por especialistas, avaliação do público-alvo e levantamento de dados. As etapas utilizadas foram adaptadas das recomendações de Borsa et al. (2012), considerando-se as especificidades de tal estudo.

Após essas etapas, foi realizado um *survey* ( $N = 414$ ) em plataforma *online*. Para realização desta pesquisa, houve aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa, observando os princípios éticos que regulamentam a realização de pesquisa com seres humanos, previstos nas resoluções CNS 466/12 e 512/16. Os participantes foram informados dos procedimentos e objetivos da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e só participaram da resolução do questionário *online* os que declararam concordar com os termos da pesquisa.

Posteriormente, foram produzidas investigações estatísticas objetivando a produção de evidências de validade da ANAH no Brasil e de suas propriedades fatoriais. Em resumo, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) e em seguida uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC).

## Instrumentos

*Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação para Heterossexuais (ANAH)*. Produzida por

esse estudo, foi aplicada com 12 itens, mas em sua versão final apresenta 10 itens e um fator ( $\alpha = 0,939$ ). Avalia antiafeminação, atitudes negativas em relação à presença de afeminação em outros homens e é direcionada a homens heterossexuais, enquanto a ANA (Ramos & Cerqueira-Santos, 2019) é direcionada a homens não heterossexuais. É respondida através de uma escala de concordância, tipo Likert, de 7 pontos.

*Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA; Formiga, 2011)*. Contém 22 itens distribuídos em dois fatores, sexismo hostil ( $\alpha = 0,77$ ) e sexismo benévolo ( $\alpha = 0,70$ ). A escala avalia o sexismo por meio de estereótipos de gênero. É respondida mediante uma escala de concordância, tipo Likert, de 4 pontos.

*Questionário socioidentitário*. Desenvolvido pelos autores, apresenta questões sobre aspectos como idade, sexualidade, identificação étnico-racial, renda e escolaridade.

## Procedimentos

Esses instrumentos foram utilizados em um formulário de pesquisa *online* que ficou disponível por 13 dias, no mês de setembro de 2019. O tempo médio de resolução dos participantes foi de 12 minutos. A divulgação da pesquisa ocorreu através de redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp). Nessas plataformas direcionou-se atenção para homens heterossexuais de todo o Brasil, em grupos com temáticas e idades variadas; além disso, uma postagem patrocinada de divulgação foi feita nas páginas de um grupo de pesquisa, ampliando significativamente o alcance da pesquisa. Após encerrada essa etapa, o banco de dados gerado foi revisado e transferido para os programas estatísticos R e SPSS, nos quais foram realizadas as análises.

## Resultados

### Participantes

Participaram deste estudo 414 homens, maiores de 18 anos, que declararam ser heterossexuais. Desses, apenas 8,00% disseram já ter tido

relações sexuais com outros homens, mas que isso não acontece mais, e apenas um disse que isso ocorre com alguma frequência. Quanto à identidade racial, brancos somaram quase metade da amostra (49,51%), enquanto negros (pretos e pardos) somaram 47,09%. O restante declarou-se amarelo ou indígena (3,37%).

Geograficamente, 23 estados foram alcançados com a pesquisa, sendo Sergipe (22,94%), São Paulo, Rio Grande do Sul (14,25% cada) e Bahia (13,76%) os estados mais participativos, somando juntos mais de 65% da amostra. Nessa amostra, mais da metade dos respondentes vive na capital do seu estado (51,20%), estando o restante distribuído por cidades grandes (21,98%), médias (16,90%) e pequenas (9,90%) do estado, respectivamente. Os próprios respondentes classificaram o tamanho de suas cidades nessa questão. A moda da renda domiciliar média mensal foi inferior a dois salários mínimos (30,91%), ilustrativo da classe E, dos quais 9,90% vivem com renda inferior a um salário mínimo. As classes C e D (24,63% e 23,67%) também representaram fatias importantes. As classes A e B somaram juntas 20,76%. Essa divisão foi extraída da classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na qual classe A tem renda familiar mensal igual ou superior a 20 salários mínimos, B entre 10 e 20, C entre 4 e 10, D entre 2 e 4, e E abaixo de dois salários.

A média de idade foi de 26,06 anos ( $DP = 7,36$ ), com uma amplitude que vai dos 18 aos 55 anos. Já a média de idade da primeira relação sexual foi 17,06 anos ( $DP = 3,23$ ), contando com 61 indivíduos virgens no momento da pesquisa. Quanto à escolaridade, os pesquisados possuíam em sua maioria nível superior incompleto (41,78%), seguidos por superior completo (20,28%) e médio completo (18,59%); os que não terminaram ou ainda não chegaram ao ensino médio somaram 4,82%, enquanto os pós-graduados 14,49%. Cerca de 41,54% estavam solteiros na ocasião da pesquisa, 33,33% namorando, 18,35% casados e 6,28% ficando, uma menor parte declarou outros tipos de *status* (0,48%). Apenas 10,38% da amostra se considera afeminado.

## Adaptação da escala

A Adaptação da escala ocorreu do seguinte modo:

1. Reuniu-se um grupo de pesquisadores com o intuito de fazer a proposição de itens da escala ANA direcionada para homens heterossexuais. Com base nos itens da versão original (12), formularam-se 11 itens. Alguns cuidados foram tomados: retirada de menções à homossexualidade, para não associar os fenômenos e; retirada de menções a relacionamentos amorosos ou sexuais, visto que não faria sentido para esse público-alvo. Além disso, foram utilizados conhecimentos provenientes da literatura da área, como os argumentos apontados na introdução deste manuscrito, para formulação de três itens que não possuíam um espelho na ANA.

2. Essa versão foi compilada junto à ANA e enviada para três juízes especialistas. Todos eram psicólogos e a titulação mínima era o mestrado em Psicologia. As experiências variavam entre sexualidade humana, avaliação psicológica e psicométrica. Os juízes avaliaram cada item separadamente e fizeram suas observações e proposições. Um dos juízes propôs a inclusão de um item (item 1), que espelhava um item da escala original modificando o cenário amoroso (namorado) para a amizade (amigo), o que foi acatado pelos pesquisadores. Além disso, algumas modificações terminológicas foram propostas e avaliadas pelos pesquisadores, mas de modo geral, houve aprovação da versão proposta para heterossexuais.

3. Após os ajustes realizados pelos autores, a nova versão, contendo 12 itens, foi direcionada para o público-alvo da escala. Cinco indivíduos, de diferentes idades (22 a 40 anos), escolaridades (ensino médio completo a pós-graduado) e contextos sociais (diferenças étnicas e regionais, por exemplo) foram selecionados para avaliar os itens. Foi avaliada a compreensibilidade dos itens, a projeção de compreensão para os semelhantes e houve espaço para sugestões. Apenas uma das sugestões, acerca da ordem das palavras em uma frase, foi acatada pelos autores. De modo geral, todos aprovaram a redação dos itens.

4. Essa versão deu origem à configuração preliminar na ANAH, que como derradeira etapa de adaptação foi submetida a um grupo maior de homens, para produção de dados que servissem à produção de evidências de validade para a escala ( $N = 414$ ). Além disso, foram observados os *feedbacks* deixados pelos participantes na plataforma *online*. Não houve críticas efetivas à composição da escala, portanto, deu-se por finalizado o processo de adequação linguística e adaptação de público da escala.

### Produção de evidências fatoriais

Os dados produzidos pela aplicação dos questionários foram inseridos no programa estatístico SPSS, versão 23 e, em seguida, no *software* R, para que fossem feitas análises estatísticas. Inicialmente, após a limpeza e revisão detalhadas do banco, submeteu-se os itens da ANAH a uma AFE no R, objetivando compreender a estrutura fatorial mais adequada e conhecer as cargas fatoriais dos itens. O banco foi dividido aleatoriamente em duas metades e apenas a primeira delas ( $n = 214$ ) foi testada na AFE.

Foi utilizado como método de extração o PA (solução pelo fator principal), estimando correlações policóricas. Partiu-se para a análise da matriz de correlação dos itens, para se avaliar

quais itens poderiam ajustar-se melhor no processo de AFE. Avaliando a matriz de correlação e as comunalidades, dois itens apresentaram-se como aqueles com menores correlações e os únicos com comunalidades abaixo de 0,5, o que seria o recomendado (Marôco, 2010). Decidiu-se por excluir tais itens, inicialmente denominados de 2 e 10, restando 10 itens, e gerar novamente a análise fatorial.

Refeito o processo já com os dois itens retirados, foram verificados os testes de adequação da amostra. O teste de KMO deu um resultado muito bom (0,92) e o teste de esfericidade de Bartlett deu significativo ( $p < 0,001$ ). Todas as comunalidades variaram entre 0,56 e 0,73, o que foi considerado positivo para a análise (Marôco, 2010).

O gráfico de escarpa, o critério de Kaiser e a expectativa teórica (por todos os itens estarem baseados em um mesmo constructo latente), sugeriam apenas um fator (com autovalor de 6,29, enquanto os outros eram inferiores a 0,80) para explicar os itens dessa escala, sendo que ele explica 63% da variância. Essa sugestão foi confirmada pela análise paralela, decidiu-se, então, acatar o modelo com fator único. Os itens e suas cargas fatoriais obtidas na AFE estão dispostos na Tabela 1.

**Tabela 1** – Cargas Fatoriais da Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação para Homens Heterossexuais

Itens	Carga Fatorial
1. Se eu fosse ter um amigo gay, eu preferiria que ele não fosse afeminado.	0,79
2. Incomodo-me ao ver homens agindo como uma mulher.	0,79
3. O comportamento afeminado de um homem provavelmente atrapalharia o desenvolvimento de uma amizade confortável entre mim e ele.	0,80
4. Em geral, eu tento evitar contato com homens que são visivelmente femininos.	0,86
5. Quando conheço um colega, eu, imediatamente, perco a vontade de fazer amizade se ele agir de forma afeminada.	0,75
6. Quando estou em público, tento manter distância de caras gays que aparentam ser "bichas".	0,80
7. É vergonhoso ser visto em público com um homem "afetado".	0,77
8. É vergonhoso para uma família ter um homem afeminado como membro.	0,75
9. Eu me sentiria desconfortável se estivesse em um grupo de homens "afeminados".	0,83
10. A comunidade gay seria melhor se alguns de seus membros tentassem diminuir seu comportamento extravagante.	0,78

O valor do alfa de Cronbach extraído, referente à consistência interna da escala, foi de 0,939.



índice considerado excelente. Diante disso, partiu-se para o processo de confirmação do modelo proposto através de uma AFC.

Utilizou-se a segunda metade da amostra ( $n = 200$ ) para realização da AFC. O método utilizado foi o WLSMV (*Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted*), adequado para dados de tipo Likert e com distribuição não normal. Os parâmetros escolhidos para avaliar o modelo foram: (a) a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade ( $\chi^2 / df$ ); (b) a raiz quadrada dos resí-

duos padronizados (SRMR); (c) a raiz quadrada do erro médio ajustada (RMSEA); (d) o índice de adequação de ajuste (CFI); e (e) o índice de Tucker-Lewis (TLI).

A Tabela 2 mostra os índices obtidos. Todos foram considerados satisfatórios, segundo os parâmetros adotados (Brown, 2006; Schreiber et al., 2006; Wheaton et al., 1977), estando o limite superior do RMSEA limitrofe ao recomendado. Nenhum Índice de Modificação foi executado.

**Tabela 2** – Índices de adequação de ajustes de Análise Fatorial Confirmatória da ANAH.

Modelo	Índices de Adequação de Ajustes					
	$\chi^2$ (df)	$\chi^2 / df$	SRMR	CFI	TLI	RMSEA (90% CI)
Unifatorial, com 10 itens	77,844 (35)	2,22	0,048	0,934	0,915	0,078 (0,055 – 0,102)

### Evidência de validade convergente

Por fim, utilizando-se o banco de dados completo, foram realizadas correlações e testes t com diferentes grupos, objetivando mensurar indícios de validade convergente e de critério na ANAH. Verificou-se como a ANAH se correlaciona com o inventário de sexismo ambivalente, através de seus dois fatores, sexismo benevolente e sexismo hostil. A correlação da ANAH foi significativa ( $p < 0,001$ ;  $n = 381$ ) com os dois fatores do sexismo ambivalente,  $r = 0,549$  (benevolente) e  $r = 0,566$  (hostil). As correlações têm magnitude moderadas e são positivas.

### Discussão

As atitudes negativas sobre afeminação ainda são um fenômeno pouco estudado, particularmente no Brasil (Ramos & Cerqueira-Santos, 2020). A produção de um instrumento capaz de mensurar tais atitudes entre homens heterossexuais representa um importante passo para o fortalecimento das pesquisas no campo da sexualidade e das masculinidades. Há dois pontos a serem observados com relação à ANAH: o ineditismo e a urgência de inclusão dos homens

heterossexuais no debate.

Muito comumente, a afeminação é um fenômeno indissociável da homossexualidade para homens heterossexuais. Isso é fortalecido pela associação existente no senso comum, historicamente sedimentada no Brasil (Fry, 1982; Pollak, 1984), de que a heterossexualidade e uma hiper-masculinidade são elementos contínuos – bem em acordo com a suposta continuidade sexo-gênero-desejo (Butler, 2015), com uma ênfase nacional na expressão de gênero. Entretanto, academicamente tal questionamento não foi posto como pauta na agenda de “desconstrução” mais popular. Mesmo nas pesquisas acerca da masculinidade em homens homossexuais, a questão da antiafeminação ainda carece de literatura e investigação.

Separar tais fenômenos permite que o processo de hierarquização das masculinidades seja melhor investigado e compreendido. A antiafeminação pode produzir repercussões para homens de diferentes orientações sexuais, a hierarquização daqueles que não performam uma hiper-masculinidade pode provocar repercussões na vida social e amorosa, por exemplo – como já se estuda com relação a homens gays e bissexu-

ais (Braga, 2015; Ramos & Cerqueira-Santos, 2020).

O presente estudo aponta para uma relação entre antiafeminação e sexismo. Como esperado, foi encontrada uma correlação moderada entre os dois fenômenos. O que por um lado demonstra que a antiafeminação divide bases com o sexismo, vide a natureza dos fenômenos: rigidez das expectativas de gênero, hierarquização de poder, ideologia hipermasculina. Entretanto, permite pensar a antiafeminação como um fenômeno em separado, com particularidades referentes a sua manifestação. Na ANAH a grande maioria dos itens referem-se a homens heterossexuais (semelhantes) e, ainda assim, os processos de rejeição/exclusão são flagrantes. Nesse sentido, não basta apenas ser heterossexual, é necessário ser másculo e exercer uma masculinidade que possa conferir respeito e distinção, uma hiper-masculinidade (Bento, 2015; Kimmel, 1998; Ramos & Cerqueira-Santos, 2020).

O processo de desenvolvimento da ANAH foi bastante criterioso. Mesmo baseando-se em uma versão já existente, foi necessário um esforço teórico para adequar os itens e desenvolver alguns deles. A utilização da avaliação de especialistas, bem como a consulta ao público-alvo, favoreceu a adequabilidade linguística e de conteúdo da escala. A preocupação em adequar o conteúdo e definir satisfatoriamente o fenômeno exigiu um rigor maior na produção e retenção de itens.

Com relação à AFE, além dos dados mostrarem-se satisfatoriamente fatoráveis, as cargas fatoriais foram consideradas adequadas. Além disso, a indicação da quantidade de fatores extraídos foi clara e consistente com a previsão teórica dos autores. Os itens excluídos poderiam ter sido mantidos em uma avaliação um pouco menos criteriosa, entretanto, objetivando a excelência do processo e o respeito ao princípio da parcimônia, optou-se por menos itens e com mais consistência entre eles. A AFC obteve bons índices de adequação de ajustes, reforçando a confiabilidade do modelo. O método utilizado respeitou o tipo de item da escala, aumentando a credibilidade das análises.

## Considerações finais

Considerando os resultados desse estudo, pode-se concluir que houve sucesso no processo de produção de uma versão da ANA para homens heterossexuais. As evidências de validade obtidas reforçam essa afirmação. Por ser um estudo exploratório, diversas questões emergem após sua conclusão, é necessário investigar as associações existentes com a ANAH e investigar diferentes possibilidades de aplicação.

A amostra utilizada, embora majoritariamente jovem, mostrou-se diversa e com satisfatória distribuição geográfica, social e identitária. Apesar disso, o tamanho da amostra foi limitrofe para a complexidade das análises de cunho fatorial desenvolvidas. Uma amostra maior e com mais idade pode contribuir para reforçar os achados desse artigo. A pesquisa *online* tem se mostrado consistente para realização desse tipo de estudo, entretanto, há ainda uma tendência de obtenção de amostras mais jovens e escolarizadas, essa é também uma das limitações desse estudo.

Conclui-se que a ANA foi adequadamente adaptada para homens heterossexuais e as evidências de validade obtidas incentivam o uso da escala e o planejamento de novos estudos. É importante que a psicologia esteja atenta aos impactos que a antiafeminação provoca nas relações sociais e na saúde mental. A agenda de pesquisas do campo da sexualidade precisa considerar as expressões de gênero e a rejeição delas como estratégicas para análise dos indivíduos e grupos. A ANAH contribui para essa agenda fornecendo um instrumento adequado para aferir atitudes negativas em relação à presença de afeminação em outros homens direcionado para homens heterossexuais, uma escala pioneira no campo. Além do tamanho reduzido, a fácil aplicabilidade também pode ser encarada como ponto positivo da escala.

## Referências

Bento, B. (2015). *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas* (2. ed.) EDUFRN.

- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2012000300014>
- Braga, G. T. (2015). "Não estou cobrando o que eu não posso dar": masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, 21, 225-261. [https://doi.org/10.1590/1984-6487\\_sess.2015.21.12.a](https://doi.org/10.1590/1984-6487_sess.2015.21.12.a)
- Brooks, T. R., Reysen, S., & Shaw, J. (2017). Smashing back Doors in: Negative Attitudes toward Bottoms within the Gay Community. *World Journal of Social Science Research*, 4(2), 129. <https://doi.org/10.22158/wjssr.v4n2p129>
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. The Guilford Press.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (8. ed.). Civilização Brasileira.
- Cornejo, G. (2015). A guerra declarada contra o menino afeminado. In Miskolci, R., *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (2 ed., pp. 73-80). Autêntica Editora.
- Costa, A. B., Peroni, R. O., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2013). Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. *International Journal of Psychology*, 48(5), 900-909. <https://doi.org/10.1080/00207594.2012.729839>
- Ferreira, C. C., & Ferreira, S. P. A. (2015). Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. *Tópicos Educacionais*, 21(2), 103-138. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/download/22415/18608>
- Formiga, N. S. (2011). Inventário de sexismo ambivalente: um estudo a partir da modelagem de equação estrutural. *Revista de Psicologia*, 2(1), 104-116. <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/view/79>
- Fry, P. (1982). Da Hierarquia à Igualdade. In *Pra Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Zahar.
- Junqueira, R. D. (2015). "Temos um problema em nossa escola: um garoto afeminado demais". *Pedagogia do armário e currículo em ação. Revista Educação e Políticas em Debate* 4(2), 221-239. <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/download/34495/18295>
- Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, 4(9), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Lopes, C. R. R. (2011). Masculinidades em Rose: gays efeminados/homens discretos. *Métis: história & cultura*, 10(20), 165-184. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/989>
- Lopes, O. G. (2017). Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Revista Periódicus*, 1(7), 405-422. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22287>
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. ReportNumber, Lda.
- Miller, B., & Behm-Morawitz, E. (2016). "Masculine Guys Only": The effects of femmephobic mobile dating application profiles on partner selection for men who have sex with men. *Computers in Human Behavior*, 62, 176-185. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.088>
- Murgo, M. A. J., Huynh, K. D., Lee, D. L., & Chrisler, J. C. (2017). Anti-Effeminacy Moderates the Relationship Between Masculinity and Internalized Heterosexism Among Gay Men. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 11(2), 106-118. <https://doi.org/10.1080/15538605.2017.1310008>
- Pachankis, J. E., Sullivan, T. J., Feinstein, B. A., & Newcomb, M. E. (2018). Young adult gay and bisexual men's stigma experiences and mental health: An 8-year longitudinal study. *Developmental psychology*, 54(7), 1381. <https://doi.org/10.1037/dev0000518>
- Parizi, V. (2006). Überman: mudanças na (auto) imagem masculina, homossexualidade e homofobia analisadas a partir de imagens produzidas por Tom of Finland. *Revista História & Perspectivas*, 1(35), 57-98. <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/download/19061/10248>
- Parker, R. (2002). *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Record.
- Pollak, M. (1984). A Homossexualidade masculina, ou: A felicidade do gueto?. In Ariès, P. & Béjin, A., *Sexualidades ocidentais* (pp. 54-76). Brasiliense.
- Ramos, M. de M., & Cerqueira-Santos, E. (2019). Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA): adaptação e evidências de validade no Brasil. *Psico*, 50(2), 313-342. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.31342>
- Ramos, M. de M., & Cerqueira-Santos, E. (2020). Afeminação, hipermasculinidade e hierarquia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(1), 159-172. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARB.P2020v72i2p.159-172>
- Sánchez, F. J., & Vilain, E. (2012). "Straight-acting gays": The relationship between masculine consciousness, anti-effeminacy, and negative gay identity. *Archives of Sexual Behavior*, 41, 111-119. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9912-z>
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 324-337. <https://doi.org/10.3200/JOER.99.6.323-338>
- Takara, S. (2017). Histórias de meninos afeminados: diálogos com as pedagogias culturais da sexualidade. *Entrelaces*, 2(9), 226-244. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28388>
- Taywaditep, K. J. (2001). *Marginalization among the marginalized: Gay men's negative attitudes towards effeminacy* [Doctoral dissertation, University of Illinois].



Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(1), 84-136. <https://doi.org/10.2307/270754>

---

### Mozer de Miranda Ramos

Mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), em São Cristóvão, SE, Brasil.

---

### Elder Cerqueira-Santos

Doutor e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em São Cristóvão, SE, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Mozer de Miranda Ramos  
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia  
Av. Marechal Rondon, s/n,  
Campus da UFS, Bloco Departamental IV  
49100-000  
São Cristóvão, SE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*